

AULA DE LITERATURA O IMAGINÁRIO COLETIVO SOBRE MINORIAS E GÊNEROS NAS OBRAS DE FICÇÃO E NAS LEITURAS DOS LEITORES

DANIELA SEGABINAZI

O ensino de literatura na escola ainda é norteado quase exclusivamente pelo livro didático, com atividades repetitivas e distanciadas de práticas de leituras. Os procedimentos didáticos, na sala de aula, não acompanham escolhas de métodos de abordagem textual e nem consideram os fundamentos da teoria literária. Conhecendo a realidade das escolas brasileiras, podemos dizer que a atividade de leitura literária quase inexistente e o desinteresse pela literatura é crescente. Conforme Aguiar e Bordini (*grifos nossos*, 1993, p. 36):

O modelo de aula de literatura *atualmente* em vigor na escola brasileira poderia ser descrito como uma sequência de atividades mais ou menos estáticas, ditadas inclusive pelo livro didático: apresentação de um texto, explicação do vocabulário, exercícios de interpretação, exercícios gramaticais e composição.

Essa afirmação, em parte, desanimadora, nos permite refletir sobre a didática do ensino de literatura, seus métodos de ensino e sua falta de renovação ou mesmo de variação de atividades na sala de aula. Por outro lado, nos faz pensar se *atualmente* ainda se preserva esta sequência



didática, se ela é ou não pertinente ao ensino e o que se apresenta como novo, enfim, o que seria outro modelo pedagógico de ensino de literatura.

Antes de apresentarmos uma proposta didática, entendemos que há a necessidade de explanar alguns conceitos que norteiam a escolha do método de abordagem e, principalmente, que estruturam as atividades constituintes do mesmo. Caso contrário, faríamos uma sucessão de exercícios desvinculados dos objetivos e dos resultados que se queiram atingir com o estudo da literatura no ensino médio.

Dessa forma, afinados com as teorias que defendem uma posição sócio-interacionista na aprendizagem, escolhemos a *Estética da recepção* como teoria que orienta o *método recepcional* de abordagem do texto literário em sala de aula. O surgimento desta teoria não é recente, nos anos 30 do século passado, Roman Ingardem postulava que:

[A obra literária é] uma estrutura lingüístico-imaginária, permeada de pontos de indeterminação e de esquemas potenciais de impressões sensoriais, os quais, no ato de criação ou da leitura, são preenchidos e atualizados, transformando o que era trabalho artístico do criador em objeto estético do leitor. (apud, AGUIAR; BORDINI, 1993, p. 82)

Essa concepção altera o foco do texto literário, evidenciando que a obra não possui mais uma significação única e imutável, impassível de outras interpretações que não aquelas da crítica autorizada, como a do professor e da crítica literária. A formulação dada por R. Ingardem, apoiada na fenomenologia, é apresentada a partir de uma descrição que o autor faz da estrutura da obra literária. Esta compreenderia quatro estratos: 1) fônico-lingüístico; 2) unidades da significação; 3) das objetividades apresentadas; e 4) aspectos esquematizados. Essas camadas consistiriam na essência da obra literária.

Posteriormente, os autores Hans R. Jauss e Wolfgang Iser, seguidores de Roman Ingardem, acrescentaram que para a concretização do

ato da leitura há o preenchimento dos vazios (os pontos de indeterminação) por parte do *horizonte de expectativas* do leitor. Ou seja, o leitor, durante a leitura, interfere, dialoga e preenche os espaços lacunares de acordo com suas vivências acumuladas na memória, trazendo para o texto literário sua percepção sobre o que lê, revelando nesta atitude um verdadeiro ato de comunicação. Assim, nessa comunicação o que ocorre é o encontro entre os horizontes delineados pelo texto (os estratos) e os pertencentes ao leitor.

Aliada a essa concepção de leitor, que participa na construção da significação do texto, é importante compreendermos a noção de *horizonte de expectativas*, as quais incluem as convenções estético-ideológicas que constituem a produção/recepção de uma obra. Regina Zilberman (1990) esclarece que ao realizar a leitura do texto, o leitor singulariza aquela obra por carregar os juízos introjetados em sua formação, inclusive escolar. Essa interação entre texto-leitor e mundo, resulta do horizonte cognitivo e histórico ordenados pelo social, intelectual, ideológico, lingüístico e o literário, considerando, ainda, fatores emocionais do indivíduo.

De outro modo, podemos dizer que o ato da leitura se concretiza quando o leitor ao decodificar a palavra e elaborar o pensamento, os confronta com o imaginário e os conhecimentos prévios que acumula em sua memória, revirando e acomodando novas informações e idéias ao seu conhecimento. Essa percepção é permeada pela subjetividade do leitor ao se debruçar sobre o texto que lê. Nessa interação ocorre a compreensão e a interpretação da obra literária e, então, o leitor passa a ser também um co-autor.

Todavia, segundo Aguiar e Bordini (1993), o processo de recepção se inicia antes mesmo do contato do leitor com o texto, justamente porque o sujeito já possui o *horizonte* que o limita, embora seja constantemente rompido. São as referências do mundo real e as vivências/experiências que o leitor insere no horizonte de valores durante o ato da leitura, porém, o texto pode confirmar ou perturbar este horizonte em



termos de expectativa do leitor. Isso pode ocorrer, por exemplo, na leitura de uma obra como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, em que os conhecimentos prévios do leitor (cultural, social, intelectual, emocional e outros = horizontes) e suas expectativas sobre a obra não coincidem. Isto é, no ato da leitura os horizontes do leitor não conseguem decifrar/compreender o universo representado na obra, pode ser limitações na ordem da língua (incompreensível para um leitor com vocabulário limitado ou pouco reconhecido por ele), na ordem discursiva (não consegue acompanhar a narração, o ponto de vista), na ordem histórica (não tem bagagem de conhecimento sobre o contexto social, cultural e histórico), entre outros.

O texto, quanto mais se distancia do que o leitor espera dele, mais altera os limites desse horizonte de expectativa, ampliando-os. Isso ocorre porque novas possibilidades de vivências e de expressão foram aceitas e acrescentadas às possibilidades de experiência do sujeito. No entanto, se a obra se distancia tanto do que é familiar que se torna irreconhecível, não se dá a aceitação e o horizonte permanece imóvel, isto é, o leitor não consegue realizar a leitura plenamente, havendo rejeição e abandono da leitura daquela obra. Do mesmo modo ocorre com a obra que corrobora as normas circulantes na sociedade do leitor, causando menos estranheza e tornando-se também imperceptível, o que mantém o horizonte igualmente inalterado (AGUIAR; BORDINI, 1993, p. 87).

No primeiro caso, não significa uma obra distante pelo tempo de sua publicação, mas sim distante da expectativa do leitor, por exemplo, uma obra contemporânea como *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, ou mesmo, obras juvenis de Lígia Bojunga Nunes como *A bolsa Amarela*; *A casa da madrinha*; *O sofá estampado*, entre outras, podem ser rejeitadas pelo leitor por não contemplarem seus desejos e seu repertório de leituras para compreensão das obras em questão. Contudo, se aceitas pelo leitor, reconstróem seu horizonte e aumentam seu repertório armazenado na memória.

A percepção dessa questão se insinua pela subjetividade do leitor. As sugestões do autor são como doses de estimulantes para a imaginação do leitor. Os arquivos da memória são revirados e de lá surgem paisagens, rostos, gestos, cenas, imagens, objetos, tios, vizinhos, avós, lembranças perdidas evocadas por uma frase, uma imagem, uma descrição. Na interpenetração entre os fragmentos da vida real passada e os fragmentos da presente ficção proposta pelo autor localiza-se a percepção do leitor. (MARCHI, 2000, P.161)

O segundo caso corresponde às obras, reconhecidas por Jauss como conformadoras, porque consolidam os valores e normas presentes na sociedade, além de possuírem um menor distanciamento estético, ou seja, são de consumo rápido e pouco amplia a experiência literária do leitor. As obras que se configuram com estas características são notadamente os *best-sellers*, conhecidos também como os livros populares, os mais vendidos.

Esclarecidos estes conceitos básicos da teoria, é importante salientar que sua adoção é coerente com a postura do letramento literário, uma vez que o sujeito/leitor se torna atuante na escolha de temas e interesses de estudo, e, principalmente, participante ativo na leitura literária. Nessa compreensão, o letramento literário demanda do leitor sua imersão no mundo da leitura literária, cultivando e apropriando-se do patrimônio que são as obras, a fim de constituir-se em sujeitos atuantes na sociedade e, em especial, em indivíduos mais plenos na formulação de conceitos e comportamentos. Em outras palavras, Rildo Cosson (2006, p. 17) nos afirma que:

A ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria de poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falamos de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizer a nós mesmos.



Delineados os conceitos, passamos a destacar alguns tópicos relacionados à opção pela teoria e seus procedimentos metodológicos. A apresentação terá como apoio a obra canônica de Aguiar e Bordini (1993), já referida aqui, que nos auxiliou na compreensão do que seja uma metodologia e como se aplica em um contexto de sala de aula. Entre diversas teorias e métodos, as autoras descrevem a teoria da *Estética da recepção* como fundamento teórico para a proposição metodológica, explicitando os procedimentos das etapas do trabalho e suas técnicas para a concretização dos estudos.

Desse modo, nos apropriamos da Teoria da *Estética da recepção*, constituída por R. Ingardem, complementada posteriormente por H. Jauss e W. Iser; e, ainda, das leituras do texto acima citado para construir nossas propostas didáticas. Contudo, antecipamos que a organização metodológica do ensino de literatura será apresentada em forma de *projetos de trabalho* (ou pedagógicos), que consiste em um planejamento ordenado e particularizado para traçar um propósito, perseguir alguns objetivos, mesmo que provisórios. Mais adiante voltamos à discussão teórica e metodológica de como se apresenta a pedagogia por projetos.

Então, retomando a teoria proposta, apresentamos o trabalho das autoras Aguiar e Bordini (1993), as quais elaboram o *método recepcional* e definem as seguintes etapas para o ensino de literatura na escola:

Primeira etapa - Determinação do horizonte de expectativas: é o momento de diagnosticar os valores prezados pelos alunos como modismos, preconceitos de ordem moral ou social, etc; oferecendo-lhes diversos gêneros discursivos e literários para esse reconhecimento. Nesta situação poderíamos trazer para sala de aula jornais, revistas, livros, letras de música e vídeos do *you tube* para ler, ouvir e assistir com os alunos. O objetivo é levantar informações, ponto de vista e interesses de temas dos alunos. O professor acompanha as conversas e as opiniões dos alunos e, posteriormente, conclui com os alunos o tema a ser pesquisado e estuda-

do nas próximas aulas de língua e literatura. Assim, tomaremos como hipótese, a escolha do tema sobre “Gênero e minorias”.

Segunda etapa - Atendimento do horizonte de expectativa: apresentação aos alunos de vários gêneros discursivos que satisfaçam suas experiências tanto quanto ao objeto como as estratégias de ensino já reconhecidas por eles. Pedimos aos alunos que recolham em letras de músicas e em cenas de novelas e filmes, situações que evidenciem expressões da identidade das minorias sociais. Entre os filmes a serem apresentados, os alunos sugerem *Brokeback Mountain*, *O casamento de meu melhor amigo*, e *Uma linda mulher* enquanto que a novela selecionada foi *Passione*, atual novela das “oito”, na rede Globo.

Terceira etapa - Ruptura do horizonte de expectativas: etapa em que introduz os gêneros discursivos desconhecidos ou estranhos ao conhecimento do aluno, “abalando as certezas e costumes dos alunos, seja em termos de literatura ou de vivência cultural” (AGUIAR; BORDINI, 1993, p.89). Então, após a sequência didática sobre novelas e filmes, posteriormente a serem explicitadas no projeto de trabalho, será o momento de apresentar os textos literários que devem desacomodar o repertório de experiências literárias dos alunos, rompendo com suas expectativas e confrontando-os com o novo, com o inesperado. Para esta atividade também abrimos espaço para que os alunos cite suas experiências com a leitura de obras de ficção sobre o tema e realizem leituras intertextuais com os gêneros discursivos trabalhados anteriormente. Podemos enquanto professores/mediadores, acolher algumas sugestões de títulos e também lançar o desafio, de acordo com nossos objetivos nas aulas de literatura, para a leitura das seguintes obras: *A normalista* de Adolfo Caminha; *Senhora* de José de Alencar; *Morangos mofados*, de Caio Fernando Abreu; e, mais recente, o livro de Cíntia Moscovich, intitulado *Dois iguais*. Lembramos que estes títulos seguem a orientação do tema acima destacado, “Gêneros e minorias”.



Quarta etapa - Questionamento do horizonte de expectativas: momento em que os alunos comparam e confrontam as duas etapas anteriores, o que já era estabelecido pelos seus horizontes e o que modificou/provocou com as novas leituras, além da análise do próprio comportamento do leitor diante dos textos lidos. Neste estágio das aulas, o professor retoma os artigos e notícias dos jornais e revistas, as letras das músicas e, principalmente, os episódios e cenas dos filmes e novelas, citadas anteriormente, e confronta com os livros, de acordo com os objetivos e conteúdos elencados no projeto de trabalho.

Quinta etapa - Ampliação do horizonte de expectativa: última etapa, em que o professor precisa criar o espaço de avaliação (autocrítica dos alunos) do que foi alcançado e o que resta fazer, tomando “consciência das alterações e aquisições obtidas através da experiência com a literatura” (AGUIAR; BORDINI, 1993, p. 90). Nesse caso, podemos pensar uma etapa avaliativa sobre os conteúdos e temas abordados no projeto e seus resultados para dar continuidade aos estudos de acordo os interesses levantados pela turma, reiniciando então o método. Inclusive, os registros avaliativos e conclusivos podem ser um diagnóstico para um novo projeto, revitalizando o tema. Por exemplo, podemos ampliar para a poesia e o gênero dramático, além de abarcar a representação de outras minorias como o negro e o índio, por exemplo.

Dessa forma, o *método recepcional* empreende a visão da abordagem sócio-interacionista em que o aluno torna-se agente de aprendizagem, corroborando a pedagogia por projetos. O método “[...] exige a participação ativa do leitor, que deve transitar dos princípios constitutivos próprios do texto para o contexto extraliterário; do mundo da significação textual para o sentido do mundo; da leitura crítica para a avaliação estética do texto (SARAIVA; MÜGGE, 2006, p.36).

Estabelecido o método, reafirmamos que “sem alguma forma de teoria, seja ela consciente ou implícita, não é possível analisar um texto literário, ou, até mesmo, apreciá-lo” (SARAIVA; MÜGGE, 2006, p. 28).

Isso não significa a retomada da tutela da leitura por nomes consagrados, pois a teoria aqui escolhida favorece o acolhimento e a apreciação das leituras dos mais diversos leitores.

Outro ponto a acrescentarmos, antes da proposição prática do ensino de literatura neste capítulo, é o caráter interdisciplinar que a literatura e o ensino de língua podem propor em uma pedagogia por projetos. A relação indissociável entre língua e literatura já foi tema de discussão, na década de 80, por Lígia Chiappini Leite e Haquira Okasabe. Atualmente o debate se renova pelos PCNEM e por estudos de novos autores, afirmando que:

A convergência entre o ensino da língua e o da literatura centraliza-se na relação texto-leitor: se o texto é objeto significativo, é o leitor que, por sua atividade, nele constrói significação. Esse posicionamento acentua a natureza processual do texto literário e da leitura: por um lado, a estrutura lacunar do texto exige a participação do leitor; por outro, a leitura a que ele procede é influenciada por seu comportamento lingüístico e por suas condições socioculturais. (MÜGGE; SARAIVA, 2006, p. 48)

A integração entre a língua e literatura advém de um processo de leitura, de compreensão da palavra, pois ambas não são de campos tão adversos como se mostram na escola. A separação ignora que língua e literatura trabalham e objetivam a produção de sentidos sobre os gêneros discursivos, entre eles os literários, e, descaracteriza a organicidade de recursos lingüísticos que não são exclusivos da literatura.

Precisamos compreender, sobretudo, que a natureza do estudo da língua e da literatura recai sobre o fenômeno da linguagem, e, ambas requerem a leitura e a escrita como compreensão de sentidos e desvelamento/elaboração das possibilidades de significação, expressão da subjetividade na produção textual, e, por último, reflexão sobre os modos de funcionamento dos recursos expressivos da língua.



Quanto à definição dos projetos de trabalho, consideramos a concepção entendida por Barbosa e Horn (2008, p.31), que afirmam ser:

Um plano de ação intencionado que potencializa a capacidade de avaliar o futuro a quem o propõe [...] que, por antecipar-se na consciência e ter como base o passado e o presente, oferece uma conseqüente capacidade metodológica para escolha dos meios necessários para a concreta realização do plano.

Nesse sentido, acreditamos que aliar o método recepcional a projetos didáticos a partir de temas é uma possibilidade enriquecedora para nossas aulas de literatura. Principalmente, porque os projetos partem da delimitação de uma situação-problema (origem do tema), resultante tanto do projeto político pedagógico da escola como da realidade dos alunos (*determinação do horizonte de expectativas*) e, posteriormente, se propõe a organizar o processo ensino-aprendizagem com a finalidade de compor uma aprendizagem significativa, sem necessariamente seguir um modelo rígido e esquemático. Consoante a essa justificativa, Hernández e Ventura (1998) evidenciam mais uma complementariedade entre a pedagogia de projetos e o método recepcional, ao entenderem que a pedagogia de projetos parte do que os alunos já sabem e de seus esquemas prévios de conhecimento, de suas hipóteses (verdadeiras, falsas ou incompletas) ante a temática a ser abordada.

Para melhor compreensão da pedagogia por projetos, apresentamos a seguir uma possível organização didática das partes que compõe um projeto de trabalho:

- Delimitação do tema
- Justificativa
- Objetivos (Geral e específico)
- Conteúdos
- Objeto de estudo
- Metodologia (procedimentos didáticos, técnicas e recursos)
- Avaliação

Delineada a opção teórica e metodológica, o tema abordado, os gêneros discursivos e as respectivas obras literárias, cabe-nos apresentar proposições práticas do estudo da literatura para o ensino médio. Lembremos que a proposta a seguir considera os pressupostos da *Estética da Recepção* e da *Pedagogia de Projetos* e, por isso, tem com princípio norteador a escolha de um tema-problema que perpassasse toda sequência didática.

Eis uma proposição prática do que apresentamos até aqui:

1. TEMA: Entre as vozes do silêncio se institui o gênero e as minorias na literatura

1.1. Delimitação do tema: A delimitação do tema *Gêneros e minorias*, apresentado anteriormente, foi uma proposição da professora Regina Zilberman (2005), no sentido de romper com a perspectiva historicista e cronológica da literatura brasileira (periodização da história literária), trabalhada nos manuais didáticos, na escola e também na formação do professor de literatura nos cursos de Letras. A autora sugere oito eixos temáticos para objeto de estudo nas aulas de literatura, e, também, salienta que estejamos abertos a outros temas e autores de outras nacionalidades, bem como a variabilidade de gêneros literários ou não, como os advindos da literatura popular e de massa. Por último, Regina Zilberman (2005) acolhe autores e obras que não estão inseridos no cânone das literaturas, “evidenciando a flexibilidade com que professores e estudantes podem lidar com a cultura e a história” (p. 243). A seleção deste eixo como tema para este projeto também considera as questões culturais, sociais e étnicas de nosso tempo, pois sabemos que os conflitos ainda são muitos e, além disso, silenciosos.

2. JUSTIFICATIVA: O avanço tecnológico permitiu um desenvolvimento inestimável na sociedade contemporânea. Certamente não imaginamos como sobreviver sem aparelho celular, internet, eletrodomésticos e

outras invenções necessárias a nossa rotina. No entanto, as facilidades e comodismos da vida moderna não alteraram e melhoraram a justiça e a dignidade humana. Ao contrário, a abertura para a “expressão livre” e para a “liberdade individual” parece comprometer as relações sociais e as manifestações pessoais dos homens em sociedade. Os exemplos mais estampados são as minorias étnico-raciais (negros e índios) e as minorias sociais (mulher e homossexual), embora milhões de pessoas sofram preconceitos não por se estabelecerem em pequenos grupos, rotulados como tribos de jovens *emos* ou *punk*, ou, então, discriminados como gays e lésbicas, mas por simplesmente diferenciarem-se de algumas características que delimitam o certo e o errado, a norma e o desvio social. Esses são milhões de desajustados que vivem anonimamente, em total ignorância e a margem dos grupos “seletos”, inclusive não possui identidade de grupo, pois não pertencem a nenhum.

Essa pequena comparação, das adversidades e das contradições do mundo moderno, aponta para a necessidade de mantermos o debate e a reflexão sobre o que é a vida em sociedade hoje. Quais os valores morais e éticos que servem de base ao convívio social? O que é respeito ao próximo? Em outras palavras, é a inquirição de nós mesmos sobre “nós mesmos”, como aceitar-nos primeiro para depois compreender o outro.

Como justificativa para o tema escolhido, poderíamos, ainda, citar inúmeras legislações, entre elas os direitos humanos, os estatutos e cartas abertas à população, que reivindicam direitos e, sobretudo, respeito às minorias étnico-raciais e sociais. Poderíamos listar artigos e publicações diárias sobre a exclusão social, inclusive, justificar o tema apresentado pelo viés da educação inclusiva, enfim, seriam infinitos os argumentos que evidenciam a premência do tema em sala de aula. Contudo, acreditamos que o tema em si e seus sentidos plurais são razão suficiente para que a literatura possa abarcar e recolocar os problemas da nossa realidade social em outro nível de discussão, concretizando também sua função social e formadora, como afirma Jorge Larrossa:

A literatura que tem o poder de mudar não é aquela que se dirige diretamente ao leitor, dizendo-lhe como ele tem de ver o mundo e o que deverá fazer, não é aquela que lhe oferece uma imagem do mundo nem a que lhe dita como deve interpretar-se a si mesmo e às suas próprias ações; mas, tampouco, é a que renuncia ao mundo e à vida dos homens e se dobra sobre si mesma. A função da literatura consiste em violentar e questionar a linguagem trivial e fossilizada, violentando e questionando, ao mesmo tempo, as convenções que nos dão o mundo como algo já pensado e já dito, como algo evidente, como algo que se nos impõe sem reflexão. (2003, p. 126).

Desse modo, entendemos que o ensino de literatura pode atender as expectativas do leitor contemporâneo e disseminar uma leitura estética e ética da sociedade em que estão inseridos. Acreditamos que a abordagem temática em obras literárias deve, sobretudo, partir do contexto interno; por exemplo, como a problemática do feminino está sendo discutida e proposta dentro da obra *A Senhora*, de José de Alencar? Qual a repercussão e quais os valores postulados sobre a mulher que estão sendo apresentados no romance? Assim, a literatura passa a ter uma contribuição significativa como prática social que pode contribuir com leituras emancipatórias sobre a sociedade e os conflitos decorrentes da exclusão de minorias sociais e étnico-raciais.

3. OBJETIVOS:

3.1 Objetivos Gerais:

- O aluno/leitor deve compreender a literatura dentro do contexto social, cultural e histórico para relacioná-la ao seu contexto externo, evidenciando a participação no processo de leitura e a construção/reconstrução de posicionamentos críticos a respeito dos valores éticos que envolveram e envolvem a nossa sociedade até os dias atuais.

- O aluno/leitor deve discutir as idéias e ideologia(s), os conceitos e preconceitos evidenciados nos textos literários a partir do tema *gêneros e minorias*, à fim de compreender e analisar situações do seu cotidiano

e do seu comprometimento social, colaborando na diminuição dos conflitos étnico-raciais e sociais.

3.2 Objetivos Específicos

- Comparar os traços peculiares dos diferentes discursos e da linguagem para reconhecer os diversos gêneros literários ou não em seus mais variados modos de produção e recepção;

- Estabelecer relações temáticas e estruturais, de semelhança ou de oposição, entre os diversos gêneros literários ou não, de distintos autores e épocas, para perceber os modos e formas de criação e tematização;

- Refletir sobre as especificidades do uso da linguagem na produção das obras literárias que constituem o acervo literário e cultural da humanidade para perceber o texto literário como objeto de arte e não apenas de transmissão de conhecimento e veículo de comunicação;

- Reconhecer a linguagem literária como conjunto das características da obra literária que conformam o texto como um objeto estético-verbal, associada aos fatores socioculturais e contratuais para o ato da leitura na sua compreensão e interpretação;

- Discutir os princípios da *ética* no estudo de variados gêneros, principalmente o literário, visando à revalorização de limites e regras que se impõe na construção da cidadania e da inclusão social de minorias;

- Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética e estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania.

4. CONTEÚDOS:

- Os gêneros discursivos e o gênero literário;
- Linguagem literária e elementos estéticos dos estilos de épocas
- A intertextualidade
- Paradigmas contemporâneos da temática “gêneros e minorias”.

5. OBJETO DO ESTUDO:

Filmes: *Brokeback Mountain*, *O casamento de meu melhor amigo e Uma linda mulher*.

Novelas televisivas: *Mulheres apaixonadas e Passione*

Obras literárias: Romance: *A normalista* de Adolfo Caminha; *Senhora* de José de Alencar; e, *Duas iguais* de Cíntia Moscovich. Contos: *Morangos mofados*, de Caio Fernando Abreu; *Amor*, de Clarice Lispector;

Gêneros discursivos: notícias de jornais e revistas; documentários; vídeos do you tube, letras de música, folhetos de anúncio, etc.

6. METODOLOGIA (procedimentos didáticos, técnicas e recursos)

6.1. Procedimento Didático I

A) Determinação do horizonte de expectativa:

1) Trazer para a sala de aula jornais, revistas e alguns trechos de vídeos de telejornais da semana para distribuir, ler e assistir com os alunos. A atividade inicial do professor é uma avaliação diagnóstica do interesse e das expectativas dos alunos por determinado tema, estabelecendo a recepção do leitor e suas vivências sobre o assunto.

2) Observados os comentários dos grupos de alunos o professor propõe uma discussão informal sobre os temas abordados no noticiário da semana, incluindo opinião e comentários advindos de outros suportes que não estão em sala de aula; por exemplo um vídeo do *you tube* muito comentado entre os alunos naquela semana; um episódio da novela atual, neste caso citamos *Passione* da Rede Globo, no horário das “oito”. No caso das novelas é perceptível o interesse da turma pelos temas recorrentes sobre o comportamento feminino e familiar (casamentos, intrigas, separações, relações amorosas, etc.) e, então, será conveniente a discussão sobre o impacto das novelas no comportamento das pessoas, a influência nas idéias sobre a emancipação feminina, os preconceitos da prostituição



e do homossexualismo, os problemas do uso de drogas, entre outros que surgirem na ocasião.

Após esta conversa a turma vai escolher o tema mais interessante, o qual será o motivo para as próximas aulas de língua e literatura (seria interessante estabelecer vínculos interdisciplinares com as disciplinas de História, Artes e Informática, por exemplo).

4) O tema aqui levantado, supondo a livre escolha da maioria, será *Gênero e minorias* sociais. A partir deste momento, procurar junto à turma a qual(is) o(s) grupos(s) minoritários que pretendem abordar, discutir e avaliar. Para isso o professor pergunta aos alunos quais os gêneros são mais frequentemente apresentados em programas televisivos e na internet? Que mensagens ou imagens aparecem nos discursos das novelas, filmes e vídeos?

5) Para atender os interesses dos alunos solicitar que tragam para a próxima aula algumas reportagens sobre o assunto e alguns filmes e vídeos para serem assistidos e debatidos. O professor também deve trazer material didático sobre o assunto para a sala de aula, preferencialmente obras literárias.

B) Atendimento do horizonte de expectativa:

1) Solicitar que os alunos comentem o material trazido para a sala de aula e juntos assistam os vídeos extraídos do www.youtube.com¹². Indicamos os seguintes títulos sobre a mulher: *No a la violencia contra la mujer*, *No a la violência de gênero*, *Violência contra a mulher*; sobre a prostituta: *Marcha de prostitutas em Paris*, sobre a homossexualidade: *A pior violência é o preconceito*; *Fantástico mostra pesquisa preconceito contra gays* (28/08/2006), entre outros.

Os filmes recolhidos e selecionados pelos alunos foram: *Brokeback Mountain*, *O casamento de meu melhor amigo*, e *Uma linda mulher*.

¹² Esta atividade deve ser aproveitada nas aulas de língua portuguesa para trabalhar o gênero textual *vídeo e spot* na internet. Trabalhar a linguagem verbal e visual, além da própria criação do vídeo. Se possível, incluir aulas de informática e de história, sociologia e filosofia.

2) Os alunos serão divididos em três grupos e recebem a seguinte tarefa (extraclasse): assistir o filme, selecionar cenas que ilustrem o assunto em discussão e conduzir o debate em sala de aula de acordo com os objetivos do grupo, os quais devem ficar explícitos na apresentação.

3) Neste momento, o professor aproveita para apresentar os contos *Aqueles dois* de Caio Fernando Abreu e *Ipanema Blues* Waldir Leite; e alguns poemas que retratam e falam sobre a mulher na literatura brasileira; por exemplo, de Cecília Meireles e Adélia Prado¹³. Neste sentido, poderiam ser os seguintes poemas:

Retrato de mulher triste

Vestiu-se para um baile que não há.
Sentou-se com suas últimas jóias.
E olha para o lado, imóvel.

Está vendo os salões que se acabaram,
emba-se em valsas que não dançou,
levemente sorri para um homem.
O homem que não existiu.

Se alguém lhe disser que sonha,
levantará com desdém o arco das sobrancelhas,
Pois jamais se viveu com tanta plenitude.

Mas para falar de sua vida
tem de abaixar as quase infantis pestanas,
e esperar que se apaguem duas infinitas lágrimas.

Cecília Meireles

(In: <http://www.citador.pt/poemas.php>)

¹³ Sugerimos a apresentação de poemas também em vídeos, muitos deles já estão disponibilizados na internet.

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
 desses que tocam trombeta, anunciou:
 vai carregar bandeira.
 Cargo muito pesado pra mulher,
 esta espécie ainda envergonhada.
 Aceito os subterfúgios que me cabem,
 sem precisar mentir.
 Não tão feia que não possa casar,
 acho o Rio de Janeiro uma beleza e
 ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
 Mas, o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
 Inauguro linhagens, fundo reinos
 (dor não é amargura).
 Minha tristeza não tem pedigree,
 já a minha vontade de alegria,
 sua raiz vai ao meu mil avô.
 Vai ser coxo na vida, é maldição pra homem.
 Mulher é desdobrável. Eu sou.

Adélia Prado

(In: <http://recantodasletras.uol.com.br/e-livros>)

4) Na sequência, o professor trabalha primeiro com os textos literários para levantar e confrontar o tema, como são focados e abordados. Depois passa a comparar também o tema e a forma com os demais gêneros (filme, vídeo, reportagem, etc.) trazidos para a sala de aula, objetivando o estudo dos gêneros discursivos (nas aulas de língua portuguesa) e o gênero literário. Para finalizar, a partir das idéias e opiniões levantadas, a turma delimita os estudos literários sobre o gênero feminino e a homossexualidade representada no universo ficcional.

C) Ruptura do horizonte de expectativa:

1) Nesta etapa, o professor reforça que os problemas atuais, vivenciado no cotidiano familiar, não são apenas projetados em notícias,

filmes e novelas, mas também são motivos para a ficção. Os temas levantados pela turma nos outros gêneros discursivos são motes para a literatura desde suas origens mais remotas, porque são questões que tratam da condição humana em cada época (para exemplificar retoma os textos literários da etapa anterior, os contos e poemas). A seguir, menciona a arte como uma linguagem que também produz os dilemas da humanidade nos diferentes contextos sociais e históricos (buscando a atividade interdisciplinar e intertextual) e apresenta aos alunos várias imagens que retratam a *mulher* (indicamos também o vídeo *Mulheres na Arte*, do *youtube*) inclusive em contextos bem diferentes (preparando-os para a atividade posterior sobre a fotografia e pintura), como as abaixo indicadas:

Pablo Picasso (<http://ernestoalves.blogspot.com/2010/06/cubismo.html>)Di Cavalcanti (In: <http://www.miniweb.com.br/artes/SitesdeArte.html>)

2) Após a exposição acima, o professor solicita que os alunos citem e comentem suas leituras sobre o tema e indiquem alguma sugestão para ser compartilhada com a turma. Neste sentido, pode acolher as sugestões dos alunos e também encaminhar as leituras conforme o objetivo do projeto.

3) Tendo estabelecido os textos literários, divide a turma em três grupos novamente e estabelece um prazo para a leitura dos seguintes textos: *Senhora* de José de Alencar; *Morangos mofados*, de Caio Fernando Abreu; e *Duas iguais* de Cíntia Moscovich. É bom lembrar que as obras não assumem a posição da cronologia histórica da literatura quanto aos estilos de época, pois o objetivo é o estudo dos gêneros a partir de uma mesma temática, contudo o contexto histórico/social e os estilos permeiam toda a discussão para a apreciação crítica do tema.

Assim, as atividades propostas para as obras referidas devem problematizar o gênero narrativo (romance e contos) e a temática principal de cada obra, privilegiando o estudo da identidade do gênero e minorias sociais. Neste caso a atividade comum a todas as obras correspondem aos elementos da narrativa, procurando esclarecer as diferenças entre conto e romance; posteriormente, priorizamos o foco sobre as ações das personagens protagonistas (mulheres e homossexuais). Neste caso, solicitar ao grupo que observe e retire da narrativa as expressões e trechos que esclarecem os comportamentos sociais (ações, atitudes e valores) dessas minorias, procurando identificá-las no contexto interno da obra.

3) A partir dessa leitura compreensiva da obra pedir que os alunos montem um painel com as expressões e trechos selecionados e anexam um quadro demonstrativo do levantamento sobre o assunto.

D) *Questionamento do horizonte de expectativa:*

1) Nesta aula o professor retoma as leituras e as atividades realizadas anteriormente, filmes, novelas, vídeos e textos literários, para confrontar os conhecimentos prévios e os adquiridos com o estudo das obras

literárias sobre o tema *Gêneros e minorias*. Dar ênfase às obras literárias, evidenciando como a literatura oferece uma imagem do mundo, possibilitando uma “outra” leitura da realidade.

2) O professor propõe, aos mesmos grupos, que retomem o painel e avaliem em que medida aquelas representações do feminino e do homossexualismo ainda estão presentes na atualidade, propondo a contextualização presentificadora da obra, principalmente da obra *Senhora* de José de Alencar. Após esta discussão, solicitar aos grupos que apresentem duas esquetes de teatro: a primeira deve focar uma passagem da obra literária (exemplo: *Senhora* de José de Alencar) lida pelo grupo no que diz respeito à imagem da mulher; e a segunda, deve atualizar a mesma passagem, com a mesma personagem, porém com dilemas ou comportamentos da sociedade contemporânea.

Talvez os alunos identifiquem as mesmas situações descritas na obra de Alencar com a sociedade atual, percebendo que a literatura trata e retrata o cotidiano humano e suas perturbações, seus dilemas e suas contradições em temporalidades diferentes com estilos de linguagem diversos, próprio do momento histórico, social e cultural vivenciado pelo autor.

Esta atividade certamente levará algumas semanas, pois os grupos precisam organizar e ensaiar a esquete teatral (tarefa extraclasse). Neste momento já estarão vivenciando os passos do gênero dramático, que pode ser abordado nas aulas sem a intenção de aprofundá-lo no estudo da literatura. Podem pedir ajuda para os professores de História, Sociologia, Artes e Língua Portuguesa, já que estas áreas estão imbricadas no enredo das obras e precisam ser transpostas em outra linguagem pelos alunos, a dramaturgia.

3) Finalizada as apresentações, sistematizar os conhecimentos a respeito do tema e do gêneros discursivos realizados no trabalho coletivo, incluindo a esquete teatral como um gênero, com origens na literatura e arte dramática. Aproveitar o momento para encaminhar as discussões

para a linguagem utilizada nos textos e também recuperar as obras literárias selecionadas pelos alunos para seus trabalhos.

E) Ampliação do horizonte de expectativa:

1) A discussão anterior ao provocar possíveis conclusões a respeito dos comportamentos sociais, preconceitos e valores morais e éticos, levará o professor a propor o seguinte questionamento¹⁴ à turma:

- Como a sociedade e os meios de comunicação determinam o “correto” comportamento humano?
- Como a literatura representa as minorias sociais?
- Que outros valores morais e demais “costumes” afetam o comportamento humano?

As perguntas devem motivar os alunos a retomar todas as questões levantadas até esta aula e evidenciar os gostos, anseios e desejos para uma nova recepção de obras que preencham os horizontes.

2) Esta etapa final do método serve como sistematização dos objetivos alcançados e conteúdos estudados e ao mesmo tempo serve como transição para dar continuidade ao mesmo projeto ou para um novo projeto. Neste caso, veremos que o procedimento didático II dará prosseguimento ao projeto anterior.

6.2 Procedimento Didático II:

A) Determinação do horizonte de expectativa:

1) Então, supondo que os alunos, por meio de suas respostas, demonstrem e mantenham interesse pelas minorias sociais e a identidade feminina, o professor retomará os procedimentos do método, reiniciando as etapas para a nova sequência. Todavia, um novo elemento entra na proposta dos alunos: os meninos da turma reivindicam a possibilidade de discutir também o gênero masculino, principalmente, pelo viés da cons-

¹⁴ Estes questionamentos serão a base para retornar ao início das etapas do método, rompendo e ampliando o horizonte de expectativas dos alunos.

trução histórica, social e cultural dessa identidade. Com isso, a nova determinação do horizonte de expectativas dos alunos fica delimitada na discussão entre o gênero masculino e o feminino na literatura.

2) Aproveitando a oportunidade e a abertura dada pelos meninos da turma, o professor traz para a sala de aula alguns mitos que constroem a figura do herói masculino na antiguidade clássica, como Ulisses na *Odisséia*, Aquiles na *Iliada*, Teseu no *Minotauro* e Hércules em *Os doze trabalhos de Hércules*. O professor conta a história destes personagens, procurando instigar a curiosidade e o interesse dos alunos e motivá-los a pesquisa desses mitos num primeiro momento.

3) Em seguida, o professor abre espaço para a discussão e acolhe os comentários dos alunos a respeito do assunto. Nessa aula, percebe-se que os alunos estabelecem relações com filmes, desenhos animados e seriados televisivos, porém não sabiam a correlação dessas histórias, da mitologia, com os programas citados.

B) Atendimento do horizonte de expectativa:

1) Nesta aula, procurando manter o interesse dos alunos, o professor estabelece uma nova pesquisa sobre os gêneros literários mitos e lendas, que tenham como foco principal a revelação da imagem masculina e feminina. Sugere aos alunos que leiam as obras *Os doze trabalhos de Hércules* ou *O Minotauro* de Monteiro Lobato e também procurem no dicionário de mitologia grega e em sites da internet a história de mulheres como Medusa, Afrodite, Helena, entre outras que despertem o interesse durante a pesquisa.

2) Realizada a pesquisa¹⁵ e a leitura das obras o professor propõe que os alunos, em duplas, criem um quadro esquemático (com duas colunas) descrevendo as características desses personagens, revelando a oposição do masculino e do feminino na mitologia. Os alunos apresentam e

¹⁵ Pode ocorrer na pesquisa a introdução de outras mitologias, como a egípcia. Neste caso, é interessante que o professor acolha os dados.

discutem seus quadros e coletivamente constroem um novo quadro (agora em forma de painel para afixar na parede da sala de aula) sistematizando o conhecimento da turma.

3) Ainda, para mobilizar o interesse dos alunos o professor solicita a turma que realize uma exposição de imagens dos personagens colocados no painel e, posteriormente, confrontem a imagem (pintura, fotografia, escultura, etc.) com as descrições dadas por eles no painel. Algumas sugestões podem ser trazidas pelo professor, como:



O nascimento de Vênus, Botticelli (<http://bestradiobrasil.obaoba.com.br>)



Medusa, Bernini
(<http://usefilm.com/imagens>)



Hércules e a Hidra, Antonio Pollaiuolo
(<http://mariodaceu.blogspot.com>)

A proposta é refletir com os alunos as diferenças e semelhanças que ocorrem entre a obra literária, as imagens e os gêneros discursivos pesquisados para a descrição das personagens, conduzindo-os a perceber que tudo é uma questão do processo de leitura que se dá a partir de uma linguagem, seja ela visual, literária ou não. É importante considerar as contribuições dos alunos, objetivando a construção do conhecimento sobre a linguagem literária e os gêneros discursivos e literários, conteúdo deste projeto.

C) Ruptura do horizonte de expectativa:

1) Nesta aula, o professor retoma os conteúdos sobre linguagem, tema e personagens dos mitos, dos romances e contos trabalhados no procedimento I, mostrando que há uma estrutura na organização deste gênero e uma linguagem fortemente marcada pela polissemia, dando abertura às múltiplas interpretações, e que os autores organizam de diversas maneiras e épocas. Outro ponto relevante é mostrar aos alunos que estes personagens e temas permanecem presentes na literatura ao longo dos séculos até a atualidade, por meio da intertextualidade dos textos (isto é, aproveitamento das representações mitológicas em novas narrativas, dialogando com o passado ao fazer essa releitura, seja ela na forma de paródias ou não). Nessa etapa o professor vai agregando um pouco de teoria dos gêneros literários, aproximando os alunos ao que já lhes é conhecido (principalmente, filmes e novela televisiva). Pode, inclusive, retomar as cenas e capítulos selecionados pelos alunos (no procedimento I) para mostrar o suspense, a dramaticidade, a caracterização dos personagens, o cenário, a linguagem, os temas, os fatos em si (a ação), etc. Pode também recuperar cenas da novela global *Mandala*, que tinha como enredo a tragédia de *Édipo Rei*.



2) A seguir é solicitada aos alunos a leitura extraclasse da obra *A Normalista* de Adolfo Caminha¹⁶. Para motivação da leitura o professor pode apresentar o livro para a classe em diversas edições, mostrando capas diferenciadas e levantando hipóteses sobre o título e o enredo a partir dessas edições. Cabe ao professor, nesta transição dos mitos para o romance brasileiro do século XIX, fazer a ligação entre a essência do universo masculino e feminino em contextos e gêneros diferentes e mostrar que os objetivos das aulas são o estudo do tema, da linguagem e da estrutura dessas narrativas.

Será acertado com os alunos o planejamento de leitura de capítulos para cada aula, com intervalos de discussão e a introdução de outros gêneros textuais que possam auxiliar no esclarecimento da obra, visando uma interpretação mais aprofundada do texto literário em estudo. Por exemplo:

Primeiro intervalo de leitura: Ler até o capítulo cinco e fazer um levantamento da opinião dos alunos, verificar qual foi a impressão geral da linguagem, dos personagens, do início da história, do espaço e tempo da narrativa, enfim, do impacto que a obra teve sobre a sensibilidade do seu leitor. Observando que neste primeiro intervalo a reação dos alunos se concentrou nas dificuldades que a linguagem impôs, devemos enquanto professor propor o estudo dessa linguagem: ouvir o depoimento dos alunos e discutir a questão do regionalismo, contextualizando¹⁷ a produção dessa linguagem. Neste caso, apresentar aos alunos outros textos literários que utilizam esta linguagem, como os contos na obra *Contos gaúchos* de João Simões Lopes Neto e o conto *A hora e a vez de Augusto Matraga* de João Guimarães Rosa. É importante o professor apresentar estes contos para os alunos para que possam relacionar e compreender o

¹⁶ A leitura dos primeiros capítulos de cada obra pode ser iniciada em sala de aula, inclusive para demarcar a diferença do gênero.

¹⁷ Rildo Cosson defende a necessidade de sempre haver um estudo da contextualização da obra por meio dos contextos que traz consigo. Entre as contextualizações possíveis estão: teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e temática.

processo de construção estética da linguagem ao longo dos anos, além de reconhecer a presença de valores sociais e humanos presentes no patrimônio literário nacional.

Segundo intervalo: Dar continuidade a leitura até o capítulo doze e discutir na próxima aula a situação da personagem principal Maria do Carmo. Essa etapa já consolida uma visão mais integral da obra e já possibilita aos alunos a identificação do problema da protagonista e demais personagens. A questão neste momento concentra-se na figura feminina, na dificuldade e problemas que se apresentaram a partir do abuso sexual, da gravidez e do adultério. Trazer algumas passagens do livro para os alunos, buscando ilustrar a angústia vivenciada pela personagem; citemos algumas¹⁸:

Quando chegaria sua vez? Pensava Maria do Carmo nessa noite, sem poder conciliar o sono, com um desalento profundo no coração apreensivo. Que tal, hein? O Sr. Zuza não se resolvia a pedi-la em casamento, sempre com evasivas, pretextando tolices, como se estivesse tratando com uma biraia qualquer! Por que isso? por que não se decidia logo a dizer a verdade fosse ela qual fosse! (CAMINHA, Adolfo; cap. X, 84)

Se até então a vida fora-lhe um nunca acabar de desgostos e contrariedades, o que seria agora, depois de se ter comprometido levemente para todo o resto da sua existência, entregando-se, num momento de desvario dos sentidos, aos desejos concupiscentes do padrinho?

Estava doida, não havia que ver, estava doida naquele momento, não tinha um bocadinho de juízo! Devia ter visto logo que uma mulher de certa ordem não se entrega por força alguma deste mundo a outro homem, que não seja o seu marido, o dono de seu coração, o legítimo esposo de seu corpo e de sua alma. Que desgraçada imprudência a sua! Que vergonha, santo Deus, que vergonha! Era para isso que se tinha coração, para se deixar cair

¹⁸ As passagens foram retiradas do e-book *A normalista* de Adolfo Caminha, disponível na página do site www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000001.pdf. Acesso em: 05 de julho de 2010.

2) A seguir é solicitada aos alunos a leitura extraclasse da obra *A Normalista* de Adolfo Caminha¹⁶. Para motivação da leitura o professor pode apresentar o livro para a classe em diversas edições, mostrando capas diferenciadas e levantando hipóteses sobre o título e o enredo a partir dessas edições. Cabe ao professor, nesta transição dos mitos para o romance brasileiro do século XIX, fazer a ligação entre a essência do universo masculino e feminino em contextos e gêneros diferentes e mostrar que os objetivos das aulas são o estudo do tema, da linguagem e da estrutura dessas narrativas.

Será acertado com os alunos o planejamento de leitura de capítulos para cada aula, com intervalos de discussão e a introdução de outros gêneros textuais que possam auxiliar no esclarecimento da obra, visando uma interpretação mais aprofundada do texto literário em estudo. Por exemplo:

Primeiro intervalo de leitura: Ler até o capítulo cinco e fazer um levantamento da opinião dos alunos, verificar qual foi a impressão geral da linguagem, dos personagens, do início da história, do espaço e tempo da narrativa, enfim, do impacto que a obra teve sobre a sensibilidade do seu leitor. Observando que neste primeiro intervalo a reação dos alunos se concentrou nas dificuldades que a linguagem impôs, devemos enquanto professor propor o estudo dessa linguagem: ouvir o depoimento dos alunos e discutir a questão do regionalismo, contextualizando¹⁷ a produção dessa linguagem. Neste caso, apresentar aos alunos outros textos literários que utilizam esta linguagem, como os contos na obra *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto e o conto *A hora e a vez de Augusto Matraga* de João Guimarães Rosa. É importante o professor apresentar estes contos para os alunos para que possam relacionar e compreender o

¹⁶ A leitura dos primeiros capítulos de cada obra pode ser iniciada em sala de aula, inclusive para demarcar a diferença do gênero.

¹⁷ Rildo Cosson defende a necessidade de sempre haver um estudo da contextualização da obra por meio dos contextos que traz consigo. Entre as contextualizações possíveis estão: teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e temática.

processo de construção estética da linguagem ao longo dos anos, além de reconhecer a presença de valores sociais e humanos presentes no patrimônio literário nacional.

Segundo intervalo: Dar continuidade a leitura até o capítulo doze e discutir na próxima aula a situação da personagem principal Maria do Carmo. Essa etapa já consolida uma visão mais integral da obra e já possibilita aos alunos a identificação do problema da protagonista e demais personagens. A questão neste momento concentra-se na figura feminina, na dificuldade e problemas que se apresentaram a partir do abuso sexual, da gravidez e do adultério. Trazer algumas passagens do livro para os alunos, buscando ilustrar a angústia vivenciada pela personagem; citemos algumas¹⁸:

Quando chegaria sua vez? Pensava Maria do Carmo nessa noite, sem poder conciliar o sono, com um desalento profundo no coração apreensivo. Que tal, hein? O Sr. Zuza não se resolvia a pedi-la em casamento, sempre com evasivas, pretextando tolices, como se estivesse tratando com uma biraia qualquer! Por que isso? por que não se decidia logo a dizer a verdade fosse ela qual fosse! (CAMINHA, Adolfo; cap. X, 84)

.....
Se até então a vida fora-lhe um nunca acabar de desgostos e contrariedades, o que seria agora, depois de se ter comprometido levemente para todo o resto da sua existência, entregando-se, num momento de desvario dos sentidos, aos desejos concupiscentes do padrinho?

Estava doida, não havia que ver, estava doida naquele momento, não tinha um bocadinho de juízo! Devia ter visto logo que uma mulher de certa ordem não se entrega por força alguma deste mundo a outro homem, que não seja o seu marido, o dono de seu coração, o legítimo esposo de seu corpo e de sua alma. Que desgraçada imprudência a sua! Que vergonha, santo Deus, que vergonha! Era para isso que se tinha coração, para se deixar cair

¹⁸ As passagens foram retiradas do e-book *A normalista* de Adolfo Caminha, disponível na página do site www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000001.pdf. Acesso em: 05 de julho de 2010.

numa armadilha daquela... Se fosse uma mulher forte e resoluta, capaz de todos os escândalos, contanto que soubesse guardar sua honra... bem, não teria sucedido nada. Mas, não: fora uma grandíssima tola, uma menina de escola, deixando-se levar pelo coração até o ponto de compadecer-se do padrinho! Que infelicidade!...(Idem, cap. X, p. 91)

O segundo intervalo focaliza o problema da jovem estudante, aliciada e pressionada pelo padrinho a realizar sua primeira relação sexual. Maria do Carmo fica grávida e “mal falada” na cidade. Para completar o estudo desse intervalo e dialogar com a obra em um contexto de presentificação, isto é, de atualização, o professor oferece para leitura reportagens e artigos de opinião sobre gravidez na adolescência (aliciamento, estupro, assédio sexual, etc.). PRODUÇÃO TEXTUAL: nesta etapa já é possível que os alunos realizem uma escrita, expressando através do artigo de opinião o que compreenderam e qual o seu posicionamento sobre o tema na obra (contexto interno) e nas articulações com o contexto externo.

Terceiro intervalo: Como contraponto e sistematização do estudo da obra em questão, fazer a leitura de contos machadianos sobre a posição feminina e masculina diante do casamento, como *A mulher de preto* e *Linha reta e linha curva*, presentes no livro *Contos fluminenses*. Também é o momento de retomar a obra *Senhora* de José de Alencar e as discussões já realizadas sobre o tema no procedimento anterior, destacando o papel da mulher no século XIX e, principalmente, qual mulher é representada na literatura brasileira do Romantismo/Realismo?

Sugerimos que se faça uma exposição de fotografias na sala de aula ou imagens e pinturas sobre a mulher do século XX, facilmente encontrada em sites da internet; também é possível ver pequenos vídeos sobre o assunto. Ainda, seria interessante, que os alunos também trouxessem poesias do século XIX para afixarem na sala de aula (como forma de motivação para as próximas aulas). Vejamos algumas fotografias que ilustram o gênero feminino nesta época:



Sem autoria

In: <http://oescunchador.wordpress.com/2007/04/25/mulheres-galegas-sempre-avante/>

D) Questionamento do horizonte de expectativa:

1) Terminada a leitura da obra *A Normalista*, realizar uma contextualização crítica do livro, isto é, ver outra(s) possibilidade(s) de leitura e interpretação do texto literário a partir de comentários e análises de críticos literários. Por exemplo, poderíamos buscar os nomes canonizados de Antonio Cândido e Afrânio Coutinho ou buscar em revistas acadêmicas a posição da crítica sobre a obra de Adolfo Caminha. Paralelamente, encaminhamos a pesquisa em sites da internet: o que é divulgado sobre a obra, observando a complexidade das resenhas/resumos e crítica na internet diante das críticas autorizadas e da própria obra; também podem consultar livros didáticos, roteiros e guias de leitura para conseguirem confrontar e enriquecer seu horizonte de leitura sobre o livro *A Normalista*.

2) Após a leitura e discussão dos materiais trazidos para a sala de aula, a turma será dividida em grupos e colocará os resultados da pesquisa em uma apresentação no Power Point ou em um vídeo com gravação de 30 minutos, com som e imagens, além dos comentários, explicações e opinião do grupo sobre o que compreenderam da obra *A Normalista*.

3) Ao final das exposições dos vídeos ou da apresentação em Power Point, haverá espaço coletivo para a turma expressar sua opinião sobre o tema *Gêneros e minorias*. Aqui será o momento de solicitar aos alunos uma compreensão mais global e articulada com todos os gêneros discursivos e literários apresentados até aqui, incluindo o procedimento didático I. Para melhor visibilidade deste trabalho (os resultados, as informações e os conhecimentos produzidos pelos alunos) será proposto a criação de um blog da turma ou realizar uma instalação artística em todo o espaço escolar, aproveitando todas as produções dos alunos.

E) Ampliação do horizonte de expectativa:

1) Em seguida, o professor lança o desafio para que os alunos procurem na poesia e no gênero dramático a tematização de *Gêneros e minorias*, instigando a leitura e a pesquisa de outros autores e estilos. Também pode ser o momento de expansão do tema, as aulas podem seguir outro rumo, desencadeando outras discussões como a pluralidade cultural, a orientação sexual, etc.

2) Feita a pesquisa o professor sugere a leitura e a dramatização das peças teatrais e a leitura expressiva dos poemas, relacionando sonoridade, ritmo, metro, melodia.

3) Agora é o momento de retomar as etapas do método recepcional.

7. AVALIAÇÃO: A avaliação enquanto constitutiva da prática pedagógica deve ocorrer durante todo o processo educativo como uma reflexão do aluno e do professor tanto sobre os conhecimentos construídos – o que sabem –, quanto sobre os processos pelos quais isso ocorreu – como conseguiram construir tais saberes. Nesse sentido, a avaliação precisa ser compreendida como uma atividade autônoma e reflexiva, mesmo porque o método recepcional prevê a atitude participativa do aluno em contato com os mais variados textos.

O método recepcional enfatiza o confronto direto entre o conhecido e o novo, entre o distante no tempo e no espaço com o mais próximo do aluno. Desta maneira são sempre cotejados textos que pertencem “ao arsenal de leitura do grupo com outros textos, documentos de outras épocas, regiões e classes sociais, em diferentes níveis de estilo e abordando temáticas variadas”¹⁹. O processo de trabalho está apoiado em um constante debate por apresentar esse enfoque de confronto e ruptura, e, por isso, são demonstrados em participações orais (debates, seminários, etc.) e também em produções escritas (diversos gêneros discursivos), as quais evidenciam a transformação e alteração dos alunos nesse processo.

Os critérios de avaliação devem seguir os principais objetivos do método, quais sejam: a) efetuar leituras compreensivas e críticas; b) ser receptiva a novos textos e leituras de outrem; c) questionar as leituras efetuadas em relação a seu próprio horizonte cultural; e d) transformar os próprios horizontes de expectativas. Ainda, o aluno deve evidenciar a capacidade de comparar e contrastar todas as atividades realizadas, já que as etapas proporcionam este saber, além de questionar sua própria atuação e a de seu grupo diante das situações propostas na sala de aula.

Atendidas às exigências do método, o aluno deve demonstrar ainda, a absorção dos conhecimentos apontados pelo conteúdo a partir dos objetivos propostos neste projeto. Concordamos com a afirmação de Rildo Cosson: “a avaliação deve ser compreendida como um diagnóstico da aprendizagem e das condições em que ele se realiza. As várias atividades de avaliação são índices que permitem a análise do desempenho do aluno, mas também do professor e da escola” (2006, p.111). Neste sentido, ao longo do processo serão recolhidos dados suficientes para a análise do processo e criticamente poderão ser alterados os procedimentos, reela-

¹⁹ Op. cit. BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 86.

borando e corrigindo-os para atender melhor os objetivos do projeto, ou até mesmo, de um novo projeto.

Considerações finais

A proposta deste trabalho foi apresentar uma metodologia de ensino de literatura de forma organizada e estruturada a partir do projeto pedagógico para o estudo das obras literárias no ensino médio. Partimos da escolha do tema *Gêneros e minorias*, ligado aos temas transversais indicados pelos PCNs, e, posteriormente justificamos a necessária abordagem deste a partir do estudo de diversos gêneros discursivos, com ênfase nos gêneros literários.

A principal preocupação no decorrer do projeto foi justificar a escolha do método recepcional e evidenciar sua concretização a partir da explanação dos procedimentos didáticos. Sabemos que não é tarefa fácil aliar teoria e prática no ensino de literatura e isto nos conduziu a refletir e definir alguns pressupostos sobre o que desejamos com este ensino: a formação do leitor e o letramento literário.

A formação do leitor requer uma concepção de leitura pautada em teorias mais recentes que percebe o texto dentro de uma dinâmica de interação, a partir da recepção, do contexto e das atualizações advindas do horizonte de expectativas do leitor. É dentro deste sentido que a escolha do método tem como elemento principal os interesses e conhecimentos prévios dos alunos, procurando ampliar as leituras a partir dos rompimentos de suas expectativas e sensibilizar para as mudanças ocorridas nos valores em sua evolução histórica.

Optamos por trazer aos alunos gêneros textuais reconhecidos no seu cotidiano, como vídeos do *you tube*, notícias e novelas televisivas da atualidade, entre outros, para ser o ponto de partida e de conexões com gêneros literários denominados mais complexos, sejam pelo seu distanciamento de época ou pelo próprio estilo literário.

Acreditamos que este projeto é a configuração de um ensino de literatura sério e responsável por estar ancorado em concepções teóricas e metodológicas que incluem o aluno como sujeito de ação e de intervenção em sua comunidade. Além disso, ajusta-se aos objetivos do ensino médio, determinados pelo art. 35 da LDBEN nº 9.394/96, principalmente no inciso III que versa sobre: “aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”.

Há nessa perspectiva um pressuposto fundamental para que o projeto se viabilize, “a crença do professor”; ele precisa ter bem definido qual a finalidade da educação, do ensino de literatura que ele acredita e que o move para suas aulas e práticas pedagógicas. Um professor esclarecido e confiante no seu papel, sempre estará atento as necessidades dos alunos e contribuirá com as escolhas e orientações de leituras para além do universo já conhecido do aluno, criando projetos e desenvolvendo o letramento literário em sua plenitude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Caio Fernando (1987). *Morangos mofados*. São Paulo: Agir.
- AGUIAR, Vera; BORDINI; Maria da Glória (1993). *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- ALENCAR, José (1992). *Senhora*. São Paulo: Ática.
- BARBOSA, Maria Carmen S. B; HORN, Maria da Graça S. (2008). *Projetos pedagógicos na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- BRASIL(2002). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino médio*. Brasília: MEC/Semtec.
- _____. (2002). *PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais*. Vol. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/Semtec.